

## Os “despojos” do trabalho científico em Ciências Sociais: O Potencial do conhecimento dos “restos”.

Isabel Camalhão<sup>1</sup>  
Serafim Camalhão<sup>2</sup>

1, Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED) Instituto de Educação – Universidade Lusófona, Portugal; [isabelferreira66@hotmail.com](mailto:isabelferreira66@hotmail.com)

2, Doutorando em Sociologia <sup>2</sup>Mestre em Sociologia do Trabalho das Organizações e do Emprego ISCTE IUL, Portugal; [serafimleopoldo@hotmail.com](mailto:serafimleopoldo@hotmail.com)

**Resumo.** Ao longo da vida académica é pedido aos alunos e investigadores provas das suas capacidades de fazer um projeto de investigação científica e de o aplicar no terreno através da pesquisa empírica. O processo de pesquisa é complexo, cheio de escolhas nem sempre fáceis. Por variadas razões, no final da pesquisa ou trabalho académico, fica uma quantidade de elementos excluídos na preparação, da análise e apresentação de resultados. Chamamos a estes elementos “restos” compostos por leituras, dados recolhidos no campo, caminhos de investigação entretanto abandonados, entre outros. Os restos representam trabalho do investigador, o tempo dos participantes, recursos materiais e muita informação útil. O que fazer com os restos ou despojos de uma investigação? Propomos, neste artigo uma metodologia aberta e flexível para utilizar os restos, incluindo um pequeno exemplo prático.

**Palavras-chave:** Pesquisa Empírica, Trabalho académico; Aproveitamento restos; Conhecimento.

### The Remains of Scientific Work in Social Sciences: The Potential of the Remains.

**Abstract.** Throughout the academic life, it is asked to the students and researchers proofs of his or her ability to do a scientific research project and apply it in the field through empirical research. The research process is complex full of hard choices. For various reasons, when a research or academic work ended, is a fact that several elements were excluded from the final result. We call to these elements remains, they are readings, data from the field and all abandoned theoretic, methodological, and technical options. These remains represent researcher's work, time of the participants, material resources and useful information. What can be done with the research craps or remains? In these article, we propose one methodology open and flexible to use these remains. It is included one small practical example.

**Keywords:** Empirical research; Academic work; Exploring the remains; Knowledge.

## 1 Introdução

Quando um estudante de doutoramento termina a sua tese faz uma avaliação do trabalho efetuado. O normal é deparar-se com dois tipos de informação retirada, aquela que foi sendo retirada do texto devido às limitações de números de páginas ou caracteres, e aquela que foi sendo retirada ao longo de todo o processo de pesquisa porque se mudou o enfoque ou o percurso da investigação.

O tipo de elementos recolhidos e excluídos da apresentação de resultados e das escolhas definitivas da pesquisa são de natureza muito diferente, não podendo nós, defini-lo a priori. Com base nos restos dos nossos trabalhos académicos, podemos avançar uma classificação provisória composta por elementos bibliográficos ou leituras, elementos documentais ou documentos, elementos recolhidos no terreno e elementos referentes ao investigador ou reflexivos. Estes dados conforme a investigação poderão ser completos, se por si só permitirem de uma forma clara constituir-se como uma explicação lógica e coerente e incompletos se necessitarem de mais investigação para se tornarem suficientemente claros para serem consistentes, são indícios ou pistas.

A quantidade e a qualidade dos restos é outro aspeto relevante naquilo que se observa como reflexões úteis para futuros trabalhos. Um olhar para os nossos trabalhos e à partilha das dificuldades de colegas, desde a Licenciatura até ao Doutoramento, revela que as investigações podem ser lineares ou atribuladas. As investigações lineares decorrem dentro do planeado e melhor que o esperado. O percurso é claro e quase tudo se aproveita, deixam poucos restos. As investigações atribuladas, são aquelas em que os investigadores encontram inúmeros problemas no seu percurso, torna-se necessário fazer múltiplas adaptações com abandono de opções previstas inicialmente e implementadas no terreno. Os restos desta situação são muitos quer em quantidade quer em qualidade. A situação mais usual é que a investigação se situe entre estes dois extremos, dado que não há investigação sem ter que fazer adaptações e sem encontrar problemas sendo que todas geram uma quantidade indeterminada de restos.

A questão que lançamos nesta observação é: O que é que vamos fazer com os restos? Aquilo que nos custa enquanto investigadores é deitar informação fora que custou tempo e recursos, assim como defraudar as expectativas dos participantes que deram o seu tempo para a investigação. Mais que protestar contra o desperdício de conhecimento e recursos, é importante aproveitar os restos com o recurso a metodologias, métodos e técnicas que melhor se apliquem a cada situação em concreto.

## 2. O que são os “Restos”?

Em primeiro lugar há que definir o nosso objeto de estudo, começando por clarificar o que se entende por “restos”. Na Língua Portuguesa, no singular, no que pode ajudar no sentido deste artigo, é “1. O que fica de um todo ou uma quantidade, depois de se retirar uma ou várias partes = RESTANTE, SOBEJO, SOBRA.(...) 3. O que fica por dizer ou fazer; 4 Vestígio de algo”, no plural, “7. As cinzas, o cadáver; 8. O que fica da comida = SOBEJOS, SOBRAS; 9. Ruínas”. Comparando com o que se pretende neste artigo, observe-se que significados e utilizações que correspondem a cada número indicado anteriormente:

[1] O número 1 da definição do termo, corresponde ao que sobra, após ter realizado todos os aperfeiçoamentos e reduções num texto final.

[3] O número 3, aponta para o que ficou por fazer. O facto é que uma tese e qualquer trabalho científico deixam dados incompletos.

[4] O número 4 vem completar o termo anterior, ao afirmar que é o “*vestígio de algo*” a ser explorado, algo incompleto a pedir para ser terminado.

[7] O número 7 refere-se a cinzas e a um cadáver. Se o investigador deitar fora os restos estes são cinzas que não se aproveitaram e ninguém poderá aproveitar. Os restos mortais de um trabalho científico são os trabalhos acabados após publicação ou validados pelos pares. Aquele projeto acabou, mas pode dividir-se em partes, voltar-se aos dados originais e serem novamente utilizados noutros trabalhos onde podem ser desenvolvidos.

[8] No número 8, a comparação realizada com os restos de comida. Não é novidade que juntando vários restos ou adicionando um novo condimento é possível fazer um novo cozinhado. O procedimento não é diferente quando os restos são dados não utilizados de uma tese ou um trabalho científico podendo juntar restos de várias investigações para completar o que falta.

[9] A palavra ruínas é o termo mais polémico. A pior situação que qualquer estudante universitário e investigador está em deixar a meio por falta de recursos, porque o campo se fechou, ou por qualquer outro motivo. Outra situação são as teses atribuladas que de mudança em mudança, deixam uma série de ruínas, edifícios conceptuais incompletos, de onde se vão construindo novos processos de investigação. Nada impede que estes restos possam ser retomados, ou que possam ajudar a completar outros trabalhos.

O que se apresenta não é novidade, de uma forma geral, no meio académico é normal ir publicando artigos ao longo de uma investigação académica e continuar a fazê-lo quando esta termina sobre a forma de livro, atas de congressos, artigos, discussões em meios científicos.

Uma das fontes de inspiração para este artigo foi a obra de Gonzalo Rodriguez (2011) *Análisis de Datos Incompletos en Ciencias Sociales*. O autor aborda um problema recorrente nas metodologias quantitativas as bases de dados estão incompletas nos inquéritos com as não respostas e os vazios daí decorrentes. Como é que este autor resolveu o problema? Observe-se várias soluções referentes a problemas usuais: (1) Verificou-se que alguns dados que deveriam estar presentes, estão ausentes, procura-se na matriz ou estrutura elementos que permitem encontrar os elementos perdidos ou ausentes; (2) Quando se procura recuperar informação basta reorganizar os elementos em torno de uma pergunta; (3) Contrastar as diversas variáveis procurando correlações é possível estimar o valor perdido. Estas três soluções indicam que a informação que se pretende pode ser encontrada numa estrutura, bastando reorganizar os dados ou contrastar as diversas variáveis.

O desafio que se propõe está em fazê-lo a nível qualitativo, de uma forma mais abrangente, podendo ir buscar informação fora da estrutura para completar o que falta.

Os dados de um trabalho em Ciências Sociais após ter terminado, são documentos, e a literatura vem confirmar isso mesmo, eis alguns exemplos: Clarke (2005) refere-se ao *Discourse Analysis* como um meio abrangente de estudar os discursos com o seu significado e processos sociais associados; Lee (2003) faz a distinção entre dados encontrados e dados recuperados onde a filosofia apresentada consiste em utilizar todo o tipo de dados escritos e audiovisuais; Ghilione & Matalon (1992) utiliza o termo vestígios mas com a preocupação que estes não sejam válidos e não estejam contextualizados; Bernard & Ryan (2010, p. 21) indicam o termo análise secundária de dados, para designar a utilização de dados de outras investigações o problema implica falta de informação; Wästerfors Åkerström & Jacobsson (2014) falam em reanálise de dados qualitativos consiste na análise dos dados de uma investigação por outro investigador diferente do que o realizou.

Aproveitar os restos de uma tese implica em primeiro compreender os dados sem perder a sua contextualização, seguidamente implica recuperar dados perdidos e voltar a analisar os dados independentemente de ser o próprio ou outro investigador. Todos os métodos e técnicas podem ser utilizados. Há, no entanto, muitos restos que são dados primários, recolhidos pelo investigador e que ainda não foram analisados, distinguindo-se da reanálise ou mesmo a de uma análise secundária. Entre as opções é possível ainda voltar ao campo para completar o que falta.

Quer o aproveitamento de restos, quer a reanálise dos dados implicam uma atitude de abertura a todas as formas de informação e metodologias, pois antes de fazer uma avaliação do que se tem, não é possível tomar qualquer decisão.

### 3. Transformar os restos em trabalhos completos.

O desafio colocado no início deste texto está em transformar os restos de qualquer trabalho científico em artigos em revistas científicas, atas de congressos, livros. Este trabalho implica a fazer uma revisão e reformulação do trabalho efetuado, levando à realização de novos trabalhos. A proposta apresentada é muito abrangente, composta por quatro fases: Hermenêutica, primeira fase de análise a tomada de decisões, segunda fase de análise complementar os dados e a terceira fase formalizar os resultados.

A fase hermenêutica, consiste na atividade de avaliar os dados que não foram utilizados tal como Rodriguez (2011) faz quando se depara com dados incompletos. O objetivo, no entanto, procura ir mais além, torna-se necessário compreender, perceber os dados, as relações entre estes, a sua estrutura, sentido e significado. A primeira e segunda fase têm origem em Saldaña (2013), o qual

divide em primeiro ciclo de métodos de codificação e segundo ciclo de métodos de codificação. A terceira fase corresponde ao que na *Grounded Theory* clássica se chama de codificação teórica (Glasser, 2007) reflete a dificuldade em articular os restos num conjunto final e de uma formalização necessária para qualquer trabalho científico em Ciências Sociais. Trabalhar com restos é muito diferente do que começar com uma investigação de raiz. Parece ser mais fácil, mas não o é, na realidade, por vezes, descobre-se a falta de elementos essenciais que não se encontram nos dados da investigação original. Neste caso é preciso ir buscá-los a outras investigações ou voltar ao campo para obtê-los.

### 3.1 Fase Preparatória Hermenêutica

A hermenêutica não é uma fase, é um momento de preparação em que é necessário identificar o que restou de um trabalho académico ou científico. Neste momento é preciso evitar quaisquer preconceções (Glasser, 2013) porque tal levaria a sub ou a sobrevalorizar um aspeto em detrimento de outro e na expressão “*all is data*” (Glasser, 2001, p. 145). Todos os restos, independentemente da forma e origem são fontes de informação potencialmente úteis. Não é neste momento inicial que se vão tomar decisões, o objectivo central consiste em perceber que tipo de informação e de dados se tem para trabalhar.

A hermenêutica surge num contexto em que é preciso ir além da mera descrição ou relação entre dados. Em primeiro lugar os trabalhos científicos em Ciências Sociais tomam uma forma escrita e apresentam a forma de discurso. Estes elementos são passíveis de se descobrir o sentido, a referência e o significado (Ricoeur, 2013). Wernet (2014, pp. 238-246) apresentam quatro princípios: excluir o contexto; tomar o significado literal do texto seriamente; sequencialidade e extensividade. Esta contribuição é aceite em parte, o contexto é parte dos dados, sem este não se pode compreender os restos, mas fica a noção que a primeira leitura passa pela interpretação apenas pelo que está escrito, sequencialidade vem expor a estrutura que está no texto e a extensividade indica que todos os elementos devem ser analisados em pormenor, profundidade. As hipóteses são referentes a pequenas partes do todo, pelo que se percebeu, a extensividade nasce da análise do conjunto das diversas partes. Este primeiro momento a análise não necessita de ser tão pormenorizado, mas necessita de ser compreendido e expor a sua estrutura. O processo inicial pode resumir-se às três etapas do círculo da hermenêutica segundo Carpenter (2013, pp. 85-86) com referência a Allen & Jenson (1990) que são a *leitura simples*, a *análise estrutural* e a *interpretação do todo*. Tal como é proposto, neste momento inicial, a intenção é familiarizar-se com os dados para revelar a sua estrutura e compreender o potencial dos restos apresentados.

Neste momento importa apresentar um exemplo que permita exemplificar os procedimentos aplicados. É uma tese que no momento deste congresso poderá estar acabada e defendida, o trabalho de campo decorreu em três anos letivos sucessivos, tendo mudado nesse espaço de tempo de objeto de estudo três vezes: Alunos com Baixa Visão e Paralisia Cerebral; Paralisia Cerebral com Baixa Visão e Docentes com Alunos com Paralisia Cerebral. Metodologicamente começou pelo trabalho de campo com a intenção de fazer estudos de casos e terminou como uma investigação baseada na *Grounded Theory*. Neste contexto há um corpo oficial de 78 entrevistas, sendo que 44 de Docentes do Ensino Regular e 34 da Educação Especial, numa primeira avaliação no final do trabalho de campo contaram-se 126 entrevistas de 47 questionários abertos a alunos, sendo que os restos são compostos por 52 entrevistas. Para este artigo a reunião propositada para avaliação revela 159 entrevista, algumas nem foram transcritas nem analisadas, é possível, com uma atenção mais cuidada, encontrar mais restos deste tipo.

Voltando aos elementos anteriormente apresentados, verifica-se que 78 entrevistas correspondem ao corpo da tese acabada com todas as leituras e metodologias utilizadas. Os restos correspondem às entrevistas não utilizadas constituindo-se como blocos maiores de dados. Os vestígios correspondem às entrevistas que por serem poucas e terem pouca informação são úteis para complementar outras entrevistas. Os vestígios podem também corresponder a pedaços de informação presentes no conjunto de todas as entrevistas, mas que podem completar a informação sempre que se encontram elementos em falta, incoerências ou dificuldades em interpretar os dados. O primeiro passo consiste em reclassificar a informação. A investigação é vista como um todo, no caso, o corpo, os restos e os vestígios são apresentados juntos. Desde o início afirma-se que independentemente, de mais tarde desagregar os dados, está presente a unidade do processo de pesquisa que lhes dão coerência.

**Tabela 1.** Levantamento das Entrevistas Realizadas Para Tratamento de Restos por Tipo de Participante.

Participantes	Baixa-Visão	Paralisia Cerebral	Total
Professores de Ensino Regular	51	44	95
Professores de Educação Especial	4	34	38
Encarregados de Educação	2	2	4
Alunos	2	3	5
Técnicos	3	2	5
Colegas do Aluno	2	1	3
Membros da Direção dos Agrupamentos	1	6	7
Assistentes Operacionais de Educação	-	2	2
<b>Total</b>	<b>65</b>	<b>94</b>	<b>159</b>

A tabela 1 mostra o corpo, os restos e os vestígios da tese que inicialmente pretendia estudar Alunos com Paralisia Cerebral e Baixa Visão em meio escolar. Os dados apresentados cruzam-se de forma a perceber o potencial de informação segundo o tipo de participantes. Nas colunas, o corpo da tese tem 78 entrevistas centradas no trabalho dos docentes com Paralisia Cerebral. Este corpo pode ser ressuscitado, se reanalisar os dados com todos contributos. O resultado poderia ser um bom livro ou trabalho científico. A estratégia utilizada para dar lógica aos dados, implicaria que a análise seria feita por tipo de participante e no final far-se-ia uma comparação de resultados. A mesma ideia se pode tirar em relação à baixa visão. A questão que se pode colocar na conjunção de ambas deficiências, mas isso passaria por uma análise temática.

Nas linhas da tabela encontram-se os participantes, facilmente se apercebe que há mais Docentes do Ensino Regular do que Docentes da Educação Especial, a proporcionalidade manteve-se na Baixa Visão enquanto na Paralisia Cerebral este número foi aumentado para se conseguir a saturação, assim como a proporcionalidade. A análise das entrevistas destes participantes permite, não só, conhecer a forma como pensam a deficiência, assim como também, caracterizar o trabalho destes profissionais, quer sob a forma de artigos científicos e capítulos de livros.

Com menor expressão podem considerar-se restos estão os membros da Direção dos Agrupamentos e os Técnicos, permitem para fazer um ou mais artigos, pois a informação que deram é muito rico e completo.

Os vestígios correspondem aos restantes participantes, os alunos, porque a informação que dão, só é relevante quando confrontada com as outras contribuições. Estes participantes que foram excluídos, apresentavam limitações de comunicação, ricos de elementos, mas de difícil interpretação. O conteúdo torna-se perceptível quando é contextualizado, mas não é acessível só por si. Os encarregados de educação dão muita informação, mas para dar um bom artigo, teriam que se conjugar com seus filhos e mesmo docentes. Os restantes, por muita qualidade que tenham as

entrevistas, não apresentam volume de informação que só por si permita qualquer utilização, a não ser para completar a informação de outras entrevistas.

### 3.2. Primeira Fase: Análise e Tomada de Decisões

A primeira fase é composta pela análise e tomada de decisões. No momento anterior, fez-se o levantamento das possibilidades do aproveitamento dos restos. Aqui, como em qualquer investigação, há que equacionar questão dos recursos (Quivy & Van Campenhoud, 2011), daí que se equacionou a forma de artigo, participação em congressos, capítulo em livro ou obra colectiva, livro ou estudo de uma entidade patrocinadora.

No contexto da investigação está uma investigadora que é trabalhadora estudante, e que continuará a ter os mesmos recursos que tinha antes de terminar a tese. Numa situação similar está um investigador inserido profissionalmente no meio académico, já com outros projectos em andamento. Em ambos os casos esta actividade far-se-á nos tempos livres, por amor ao conhecimento e sem o constrangimento dos prazos académicos. O olhar para os dados assemelhar-se-á a uma reflexão sobre uma realidade delimitada no espaço e tempo e sobre a condição humana na medida que se afasta do termino do trabalho académico. A escolha passa por, em vez explorar as colunas figura 1, trabalharem-se as linhas, que à medida que são analisados vão ser transformados em artigos, sendo que nada impede que se vá escrevendo um livro ou capítulos de obras colectivas.

A escolha da linha passa pelos membros das Direcções dos Agrupamentos das Escolas. Os participantes, desta categoria profissional, são compostas por seis entrevistas muito completas onde os Presidentes e Vice Presidentes, que falam do seu trabalho em prol dos alunos com Necessidades Educativas Especiais assim como das suas dificuldades neste trabalho.

Tomada a decisão dos dados a utilizar, o procedimento passa por pegar nessas entrevistas e separá-las do todo. Impõe-se fazer uma avaliação da informação que se tem e como a tratar, são sete entrevistas, das quais duas não estão transcritas. Todas são dados primários, em primeira mão recolhidas pela investigadora que ainda não foram tratadas. Em termos de informação avaliada, os directores nunca foram o objecto de estudo, daí que em termos de literatura não existe nada recolhido, nos discursos há dois tipos de dados os qualitativos e numéricos. Mas como tratar os dados?

As bases desta e da fase seguinte, estão baseadas em Saldaña (2013), nesta fase está o primeiro ciclo de codificação, é o primeiro contacto e tratamento e abordagem aos dados. O primeiro desafio está na escolha de um processo de codificação, e mais que repetir as classificações deste autor, é mais importante falar na ideia central que está nesta abordagem. A decisão depende dos dados, tipo de estudo que se pretende fazer. O investigador pode querer fazer uma investigação partindo dos dados, revelando a sua estrutura, muitas vezes utilizando uma codificação *in vivo*, pode-se ter uma atitude semelhante à indução analítica, com o recurso a hipóteses e um esquema de codificação provisório criado a previamente. Por último pode-se partir de um esquema de codificação prévia onde pode estar envolvido um protocolo com procedimentos e classificações. Há aqui uma abertura a todo o tipo de metodologias qualitativa e se o investigador quiser mista ou mesmo quantitativa, depende do objetivo, formação e intenção de quem estuda.

No caso do aproveitamento de dados, nesta primeira fase, difere-se da abordagem deste autor, o objectivo é revelar a estrutura e consistência e coerência dos dados numa primeira visão. Não é possível evitar, que são restos e estes fora da estrutura, da qual surgiram, revelam sempre falhas.

A apresentação dos dados, neste caso, é um mero exemplo, de procedimentos mais que de resultados, a decisão passou por voltar a utilizar os procedimentos comuns a todas as formas de codificação na *Grounded Theory* com uma codificação inicial, Birks & Mills (2011) mais

especificamente na forma clássica (Glasser, 1992), tendo em conta os dados. Considerando o volume e tipo de dados a ambição é chegar a uma teoria substantiva (Glasser & Strauss, 1967) não sendo possível nesta fase atingi-la tendo em conta que o único objetivo que se tem é trabalhar com os dados que se têm, ver até se pode chegar como o que se tem e identificar falhas.

Independentemente da opção metodológica e técnica utilizada nesta primeira abordagem dos restos, o investigador deve preocupar-se em sistematizar e maximizar o que os dados têm para oferecer.

Nesta primeira abordagem fica claro que os Diretores e Subdiretores, são docentes que têm por função gerir tudo o que se passa dentro de uma escola e as relações que acontecem dentro do seu interior, nomeadamente conflitos e alunos com problemas sociais, especialmente a gestão das relações com a família e comunidade. Facilmente se pode observar uma atividade de monitorização e troca de informações de cada departamento, de cada escola e providenciar os recursos humanos e materiais necessários.

### 3.3. Segunda Fase: Análise Complementar de Dados

A análise complementar de dados remete para a continuação dos resultados apresentados na face anterior que transitam para aqui, e revelam que apesar de apresentarem uma referência à forma como é feita a sua gestão, não permite aprofundar muitas das questões, uma outra falha é a aparente falta de literatura sobre o trabalho os Directores dos Agrupamentos. Como é que se podem completar ou complementar os dados?

Apesar de se tratar de uma obra qualitativa, Rodriguez (2011) aponta para a utilização de meios e princípios que podem ser utilizados, na fase anterior já se referiu para o número e estrutura dos dados perdidos, que aqui não estão perdidos, são restos e a informação por e simplesmente está ausente e necessita de ser completada. As estratégias utilizadas consistem no cruzamento de dados, que aqui sendo numéricos tomam a forma de tabelas. A um nível mais qualitativo procede-se de modo semelhante, mas a atenção é dado ao texto, à letra então o cruzamento é feito através de matrizes (Miles, Hubermann & Saldaña, 2014).

Há uma diferença fundamental, desta abordagem em relação a uma análise secundária, com os restos há que proceder como se fosse uma investigação nova, que há que procurar elementos além dos restos. Na nossa perspetiva, como autores deste texto, os restos fazem parte de um todo (Paillé & Mucchielli, 2009, pp. 53-54) independentemente de terem sido utilizados, é nessa totalidade corpo restos e vestígios que se deve procurar em primeiro lugar o que é necessário para completar o que falta. Quando a capacidade da investigação original se esgota, se o investigador tem recursos e o processo de aproveitamento de restos está incluída num projecto científico, então há a opção de ir novamente para o campo tal como Strauss & Corbin (2008), fazem para melhorar e corrigir falhas até ao fim da investigação. Mas pode acontecer que o investigador não tenha recursos, pode ainda procurar outro estudo sobre a área ou o temática e pedir autorização para utilizar os dados recolhidos no campo antes de serem analisados podendo ainda juntar forças com o colega com os restos de ambos fazer um trabalho fabuloso, sobre algo que iria para o lixo. Em último caso há sempre a modestia de aceitar aquilo que os dados da investigação permitem, ficando o investigador feliz porque não deitou fora algo que pode ser útil para outros.

A questão que falta resolver é como é que se vai juntar elementos quer da própria investigação quer externos a esta? Em todas as investigações estão sempre presentes um tema, uma pergunta de partida e objectivos, este é o fio condutor, partindo daí ter-se-á que utilizar o método comparativo, em que Glasser & Strauss (1967, p. 58) apresenta um quadro onde a comparação entre grupos é feita cruzando a informação por semelhança e diferença nas colunas e o grau mínima e máxima nas linhas, o

resultado é que permite encontrar a informação pertinente para aquilo que falta completar. Não se pode dizer que é algo que se pode fazer com dois, três ou mais momentos, a única regra que se defende, para evitar confusão, é que primeiro se deve começar pelos dados da investigação e depois desta ir para o dados externos, por prudência a análise deve ser feita por grupos ou tipos de informação e destes nem tudo é aproveitável.

Numa referência a Saldaña (2013, p. 203) esta fase corresponderia ao segundo ciclo de métodos de codificação que não é mais que traduzindo, “*reorganização e reanálise dos dados codificados através do primeiro ciclo de métodos*” é a procura de padrões, estruturas, hipóteses. Há aqui uma diferença, estes elementos necessariamente têm que ser descobertos na fase anterior aqui procura-se apenas completar o que falta, o que não impede que se melhore o que já foi feito e repensar a análise.

Podemos voltar agora à resposta de como complementar os restos da Tese de Doutoramentos. A primeira opção é voltar-se para todos os elementos da investigação e procurar dados que possam completar o que está em falta. Os dados encontrados são de natureza bibliográfica, documental e das entrevistas com os elementos recolhidos no campo. O confronto com o todo, esquecendo as alterações de objecto de estudo, revela que a nível das entrevistas, existem docentes com cargos de coordenação. Estes participantes são os Coordenadores de Educação Especial e apresentam muitos aspectos comuns com os Directores dos agrupamentos, olhando ainda para todas as entrevistas, verifica-se que comparando as afirmações e a estrutura que esta apresentam é possível fazer uma análise temática. O que se verifica é que apesar de não lecionarem, as preocupações são comuns a todos os docentes. Aparentemente não se encontrou nenhuma literatura na tese relativa aos Directores dos Agrupamentos, mas há muita literatura que pode ser encontrada nomeadamente na questão da inclusão dos alunos com Necessidades Educativas Especiais, a dificuldade na relação da escola com a família, todos esses dados são mais importantes que uma mera descrição das estruturas dos agrupamentos e as funções dos Directores dos Agrupamentos.

As opções para o aproveitamento dos restos da tese que se exemplifica passam por aproveitar todos os restos, juntando-os, o que inclui, o corpo, não se justifica o voltar ao campo. Além desta razão impõem-se motivos materiais e de tempo, tal implicava financiamento e uma actividade a tempo inteiro. Quanto a segunda opção, ir buscar dados a outros estudos, também não é aqui aproveitada pela primeira razão, utilizar-se-ia se não houvessem restos para completar e se a intenção fosse completar os dados com outros dados sobre Directores de Agrupamentos Escolares.

### 3.4. Terceira Fase: Formalização de Resultados

Não é raro chegar ao fim de todo este trabalho e descobrir que os restos necessitam de serem complementados com o recurso à literatura. Há que não esquecer que no final há uma fase em que é necessário passar à escrita. Escrever não é assim tão fácil, (Wolcott, 2009) implica reconstituir todo o processo de investigação, e apresentá-lo de uma forma coerente para um dado público. Embora não se esteja a fazer *Grounded Theory* Clássica, (Glasser, 2007) de uma certa forma em causa está encontrar o conceito central presente nos dados, e após isso comparar com a literatura relevante. Esta fase pode ser maior ou menor conforme os restos, o corpo presentes. Se realizou uma investigação que implicou a presença de um enquadramento teórico prévio e se juntou muita literatura, trata-se apenas procurar os elementos necessários para cobrir as falhas normais dos restos.

Como autores deste texto, a nossa atitude de apresentar um meio para o fazer, escrever é formalizar e isso implica sempre fazer uma revisão, completar o que falta e fazer opções. No caso dos restos é necessário ser humilde e modesto quer em relação aos resultados como à sua generalização. Recomendamos que se faça o que Miles, Huberman & Saldaña (2014, pp. 275-337) referem como o



desenho e verificação de conclusões, isto como em qualquer investigação apresentar e discutir os resultados da análise dos restos. Importa não ter vergonha de afirmar que são restos e que não são lixo ou inúteis.

O que afirmamos em relação aos restos, em que o exemplo parte uma tese sobre alunos com deficiência em que os restos são vastos, a ambição é um pouco maior que este artigo. Gostaríamos que os leitores deste artigo, observassem a possibilidade de dar uma unidade juntando o corpo, os restos e os vestígios, explorá-los até se esgotarem o seu potencial explicativo, em benefício dos alunos com deficiência. A comparação com a literatura passa por aprofundar e acrescentar as contribuições não no campo da administração, mas das relações humanas, atitude perante a deficiência e as questões em torno de um tema maior a organização escolar com todos os seus problemas.

#### 4 Conclusões

Começamos este artigo relatando uma evidência, todo o trabalho académico e científico, deixa restos. O investigador utiliza-os muitas vezes sob a forma de artigos e participação em conferências, referindo que há uma vida além da tese ou trabalho académico. Os restos podem gerar outras investigações e podem ser úteis para outros estudos. O normal é que os restos vão acabar serem destruídos num desperdício de tempo e recursos.

Apresentou-se aqui uma forma de utilizar os “restos” e mesmo a possibilidade de aproveitar toda a informação sem deitar nada fora. Há que tomar a consciência que os restos apresentam duas limitações, são elementos inacabados e falta-lhes uma coerência no seu início, daí que é necessário ter alguma modéstia na generalização dos dados. Em alguns casos são indícios para outras investigações, noutros pode-se ir mais além se retomar-se a investigação nesse ponto.

A ideia com que queríamos terminar este artigo, é que o importante está em não perder informação, e deste ou de outro modo poder rentabilizar os restos e devolve-los ao meio onde os veio buscar: à sociedade ajudando a conhecer-se e ser conhecida por todos.

#### Referências

- Bernard, H. R & Ryan, G. W. (2010). *Analyzing Qualitative Data: Systematic Approaches* London: Sage Publications, Ltd.
- Birks, M. & Mills J. (2011). *Grounded Theory: A Practical Guide*. London: Sage Publications, Ltd.
- Carpenter, D. R. (2013). Método Fenomenológico. In Streubert, H. J. & Carpenter, D. R. (Ed.). *Investigação Qualitativa: Avançando o Imperativo Humanista* (5ª Ed. pp. 73-96). Loures: Lusodidactica.
- Clarke, A. E. (2005). *Situational Analysis: Grounded Theory After the Postmodern Turn*. London: Sage Publications, Ltd.
- Lee, R. M. (2003). *Métodos Não Interferentes em Pesquisa Social*. Lisboa: Gradiva.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1992). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Glasser, B. G. (2013). *No Preconceptions: The Grounded Theory Dictum*. Mill Valley: Sociology Press.

- Glaser, B. G. (2007). *Doing Formal Grounded Theory: A Proposal*. Mill Valley: Sociology Press.
- Glaser, B. G. (2001). *The Grounded Theory Perspective: Conceptualization Contrasted with Description*. Mill Valley: Sociology Press.
- Glaser, B. G. (1992). *Basics of Grounded Theory Analysis*. Mill Valley: Sociology Press.
- Glaser, B. G & Strauss, A. L. (1967). *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*. New York: Aldine.
- Miles, M. B & Huberman, A. M. (1994). *Qualitative Data Analysis: An Expanded Sourcebook*. (2nd Ed). London: Sage Publications, Ltd.
- Paillé, P. & Mucchielli, A. (2009), *L'Analyse Qualitative en Sciences Humaines et Sociales*. (3ª Ed.). Paris: Armand Colin.
- Quivy, R & Van Campenhoud, Luc (2011). *Manuel de Recherche en sciences Sociales*. (4ª Ed. entièrement revue et augmentée). Paris: Dunod
- Resto. Consultado em 8 de Novembro de 2016 em <https://www.priberam.pt/dlpo/resto>
- Ricoeur, P. (2013). *Teoria da Interpretação: O Discurso e o Excesso de Significação*. Lisboa: Edições 70
- Rodríguez, G. R. (2011). *Análisis de Datos Incompletos en Ciencias Sociales*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.
- Saldaña, J (2013). *The Coding Manual for Qualitative Researchers* (2<sup>nd</sup> Ed.). London: Sage Publications, Ltd.
- Strauss, A. & Corbin, J. (2008). *Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory* (3rd Ed.). London: Sage Publications, Ltd.
- Wästerfors, D., Åkerström M. & Jacobsson, K. (2014). Reanalysis of Qualitative Data. In Flick, U. (Ed.). *The SAGE Handbook of Qualitative Data Analysis* (pp. 467 – 480). .London: SAGE Publications Ltd.
- Wernet, A. (2014). Hermeneutics and Objective Hermeneutics. In n Flick, U. (Ed.). *The SAGE Handbook of Qualitative Data Analysis* (pp. 467 – 480). .London: SAGE Publications Ltd.
- Wolcott, H. F. (2009). *Writing Up Qualitative Research* (3ª Ed.). London: SAGE Publications Ltd.